

Jung's Individualization Process: Projection as a Barrier to Self-Development

Processo de Individuação de Jung: a Projeção como Barreira ao Autodesenvolvimento

Cleber Almeida da Rocha²

Data de Submissão: 08 set. 2018.

Data de Aprovação: 01 out. 2018.

Data de Publicação: 15 dez. 2018.

ABSTRACT: This study exposes the individuation process, which is the theory of autodevelopment in Jung's analytical psychology. For this they are presented some of the main concepts of Jung, being, anima and animus, shade, affective complex, persona, ego and self or Si-even, aiming to provide a context in which these concepts entwine to individuation. Subsequently, the conclusions of Jung's investigations are exposed to the contribution of other approaches to human development, being the alchemy and Christianity, as well as the limitations found in these approaches according to the researcher. Finally, the projection of Anima/animus and a persona of effectiveness faced with the dynamics of contemporary organisations, such as an ego defence mechanism that need to be overcome or abandoned to allow the free flow of the development of the individual. The analysis of a film is presented and a case in order to elucidate the process of projection of Anima and the persona.

Keywords: Jung. Individuation. Collective unconscious. Projection. Anima/Animus. Persona.

RESUMO: Este estudo expõe o processo de individuação, que se trata da teoria do autodesenvolvimento na psicologia analítica de Jung. Para isso são apresentados alguns dos principais conceitos de Jung, sendo, anima e animus, sombra, complexo afetivo, persona, ego e Self ou Si-mesmo, visando proporcionar um contexto no qual esses conceitos se entrelaçam à individuação. Posteriormente, são expostas as conclusões das investigações de Jung a respeito da contribuição de outras abordagens para o desenvolvimento humano, sendo elas a alquimia e o cristianismo, assim como as limitações encontradas nessas abordagens segundo o pesquisador. Por fim é discutido a projeção da anima/animus e de uma persona de eficácia face a dinâmica das organizações contemporâneas, como um mecanismo de defesa do ego que precisam ser superados ou abandonados para permitir o livre fluxo do desenvolvimento do indivíduo. Sendo apresentada a análise de um filme e um caso a fim de elucidar o processo de projeção da anima e da persona.

Palavras-chaves: Jung. Individuação. Inconsciente Coletivo. Projeção. Anima/animus. Persona.

INTRODUÇÃO

De uma maneira geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de formação e particularização do ser, onde o indivíduo se torna

1 **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

2 Graduado em Psicologia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA. Especialista em Neuropsicologia Clínica com ênfase em Avaliação e Reabilitação pela Faculdade Santo André. Docente do ensino superior na Especialização em Psicopedagogia da Faculdade Santo André (FASA), polo de Ji-Paraná.

distinto do conjunto, um processo de diferenciação para um desenvolvimento da personalidade individual. Tida como uma necessidade natural que não deve ser impedida, pois traria prejuízos, como uma deformação artificial. É algo inato do ser humano. Nasce-se destinado a esse processo de individuação. Primeiro, física e fisiológica; posteriormente, acontece a manifestação psicológica (JUNG, 1921). Contudo a individuação se deparara com dificuldades e barreiras, tanto individuais quanto culturais. De acordo com conclusões, a partir da prática da clínica analítica, há indicações de que a imposição da racionalidade sobre o homem contemporâneo para conseguir atingir um padrão de organização e disciplina, promove uma repressão de aspectos inconscientes da sua personalidade, o que tem lhe colocado em um estado de grande sofrimento (ARCURI, 2009).

Falando em desenvolvimento pessoal, como uma modificação positiva da personalidade, Jung (1934), adverte que o homem civilizado possui um grau de dissociabilidade muito alto e pode se utilizar dele sempre que queira evitar riscos, por isso diz que não é garantia de que o conhecimento seja acompanhado de ação que o corresponda. Pode-se, segundo ele, contar com a extrema ineficácia do conhecimento, insistindo numa aplicação significativa do mesmo. Ou seja, o autor aponta que a racionalidade guiada pelo ego tende a se opor a experiências que lhe aparente riscos. Desse modo a racionalidade por si só não pode levar o homem ao desenvolvimento de sua personalidade, pois justamente o afasta desse processo. Assim, o indivíduo necessita de uma orientação para que a consciência permita uma abertura às experiências afetivas que o leve a experiências mais profundas, seja uma psicoterapia analítica ou outra orientação nesse sentido. Em outras palavras, abertura ao inconsciente. Prontamente, a partir dessas experiências, a consciência passa a se nutrir de conteúdos afetivos, antes inconscientes.

Acerca do processo de desenvolvimento pessoal, ou individuação, Lyra (2012, p. 57), comenta que tanto para Nietzsche como para Jung, “o caminho da individuação - para usar o termo de Jung - é solitário e árduo, especialmente se houver uma lacuna grande da compreensão da missão ou mesmo beligerância contra ela”. Nesse caso, por lacuna em relação a missão, o autor refere-se àqueles sujeitos cujo desejo pelo crescimento ou autodesenvolvimento está presente, entretanto, sem um conhecimento teórico ou auxílio que nesse caso poderia ser uma psicoterapia analítica em

relação aos caminhos da individuação. E por beligerância ainda se refere ao desconhecimento sobre a tendência da consciência, o ego, a se opor ao caminho da individuação, que como já foi exposto inclui a aceitação de conteúdos inconscientes, desconhecidos ao ego que logo as sente como ameaça.

Lupo (2016), discute que nenhum sofrimento se compara ao tormento de percorrer o próprio caminho. Tão difícil que não há nada que não se preferiria à semelhante tortura. Nesse sentido, Jung (2009, p. 67), no início de sua escrita de “O livro vermelho, disse “[...] Por isso, agarro-me a qualquer coisa que impeça o percurso na direção de mim mesmo”.

A frase supracitada foi escrita em um momento quando Jung se encontrava em um estágio não muito avançado de sua individuação consciente. Todo processo de individuação é marcado por medo da autoimolação que está a espreita, por trás e dentro de cada um, pois o temor é a encarnação das forças inconscientes que só com muita dificuldade conseguimos impedir que produzam todas as suas consequências. Todo caso de autodesenvolvimento passou por esta travessia perigosa, pois o objeto de temor, isto é, o mundo tanto inferior como superior das dominantes psíquicas do qual o ego já se emancipou com muita fadiga e somente até certo ponto, rumo a uma liberdade ilusória, faz parte da totalidade do Si-mesmo (JUNG, 1938).

Esta liberdade é uma empresa heroica e certamente necessária, mas não constitui nada de definitivo, pois representa apenas a formação de um sujeito ao qual, para que possa atingir a plena realização, é preciso que se contraponha o objeto. Parece que se trata em primeiro lugar do mundo, que é inflado de projeções também para esse fim (JUNG, 1938, p. 60).

Nessa passagem o autor se refere especificamente ao ego, atribuindo o devido a valor a este que é estruturante do sujeito para que possa se introduzir e viver em sociedade, em conexão com o mundo exterior. Entretanto por liberdade ilusória, se refere ao fato de que uma realização mais ampla da personalidade exige-se abandonar a segurança e comodidade da consciência e se enfrente o inconsciente. Em relação ao sujeito que ignora o lado inconsciente da personalidade o autor prossegue:

Mas a própria natureza nem sempre permite este estado paradisíaco de

inocência do sujeito por um tempo prolongado. Há atualmente, como sempre houve, aqueles que não conseguem deixar de perceber que o mundo e a vida terrena possuem uma natureza de caráter parabólico e que, propriamente falando, são uma cópia de algo que jaz imerso nas camadas mais fundas do próprio sujeito, na própria realidade transsubjetiva (JUNG, 1938, p. 60).

Nesse trecho o autor aborda as metáforas de natureza parabólica e realidade transsubjetivas, para dizer que alguns indivíduos percebem haver algo além do ego, além da realidade consciente, e se inquietam com isso, motivados por uma curiosidade acerca de si mesmos que os move em direção ao inconsciente, logo para o caminho da individuação.

Pode-se ainda dizer que esse processo de individuação é através do qual o indivíduo se torna único, distinguindo suas singularidades dos demais, pois se afasta da imagem que a sociedade espera de si e caminha em direção a um acesso mais íntimo consigo mesmo, tornando-se, de acordo com Jung (1928) o próprio Si-mesmo. “Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se-si-mesmo’ (verselbstung) ou ‘realizar-se do Si-mesmo’ (selbstverwirklichung)” (JUNG, 1928, p. 63).

Sendo definido como uma totalidade psíquica do homem, o Si-mesmo é símbolo de tudo aquilo que ele supõe constituir (JUNG, 1942a).

Algo muito importante nesse processo é que o indivíduo aprenda a diferenciar e entender o que parece ser para si mesmo do que o que é para os outros. É necessário diferenciar-se da anima, porém, para que isso ocorra é necessário conhecê-la, o que se torna difícil devido ela ser invisível, o que não é o caso da persona, pois o indivíduo e seu cargo social são coisas diferentes e isso é fácil de ser explicado e entendido (JUNG, 1928).

Nesse contexto, existe também anima e animus que vivem e funcionam nas camadas mais profundas do inconsciente, mais especificamente no inconsciente coletivo, já denominado por Jung. São responsáveis por trazerem a tona a consciência efêmera uma vida psíquica desconhecida, pertencente a um passado longínquo. Podendo ser conhecido como traços arcaicos de nossos ancestrais desconhecidos, seu modo de pensar e sentir, seu modo de vivenciar vida e mundo, deuses e homens. Mesmo princípio utilizado para explicar reencarnações e lembranças de “vidas passadas”. Esse é o reconhecimento que se dá a história da psique, reconhecendo que não é a única coisa no

mundo que não tenha história. Mesmo com esse reconhecimento, tem-se que dizer que a consciência do eu, porém, é a única que tem sempre um novo princípio e um fim prematuro (JUNG, 1934).

Jung (1959), discorre que não sendo reconhecida, a anima pode surgir na consciência do homem de uma maneira grosseira e infantilizada, se manifestando em fantasias eróticas que levam muitos indivíduos se voltarem à pornografia de forma intensa que o prejudique, como, afasta-lo das relações. Prosseguindo o autor afirma que a projeção da anima para o exterior, como em casos arrebatadores de amor, pode comprometer um casamento, levando o sujeito a se entregar a uma segunda mulher que o fascina, o que poderia ser sanado com o reconhecimento da anima como um poder interior de si próprio. Apesar de toda essa provável situação que pode surgir no exterior, vista pela sociedade e pela consciência como problemática, entretanto, o inconsciente com isso impulsiona o homem para o desenvolvimento e amadurecimento do seu próprio ser, ao integrar os conteúdos desse arquétipo e trazê-los para a sua vida externa.

Assim como a integração dos conteúdos da anima, o Si-mesmo pode ser considerado como uma maneira de compensar o conflito existente entre interior e exterior. Tem por significância a representatividade da meta da vida. O processo pode ser definido utilizando o mesmo mecanismo da terra que gira em torno do sol, sendo o Si-mesmo considerado como algo irracional e indefinível, não se opondo nem se submetendo, mas se ligando de maneira simples. Ou seja, o ego consciente se ligaria ao Si-mesmo, não mais se opondo ao mesmo e ainda que sem compreender a totalidade de sua natureza, se nutriria de seus conteúdos, havendo assim uma ampliação da consciência ao passo que ambos assumem uma dinâmica harmônica de funcionamento. Existe uma percepção individual a respeito dessa ligação, porém, não tem como afirmar nem conhecer diretamente nada desta relação entre o Eu e o Si-mesmo, uma vez que os conteúdos do Si-mesmo são indecifráveis. Entretanto o ego é o único conteúdo conhecido, assim conforme conteúdos inconscientes são integrados ao ego, este sente uma aplicação da consciência, desse modo surge a possibilidade de se conhecer parcelas dessa relação (JUNG, 1928). Entretanto o autor chama atenção para a limitação com que se deparou ao tentar compreender o Si-mesmo:

Por isso, o si-mesmo pode pretender pelo menos ter o valor de uma hipótese, análoga à da estrutura dos átomos. E mesmo que estejamos mais uma vez envolvidos numa imagem, trata-se de algo poderosamente vivo, cuja interpretação ultrapassa minhas possibilidades. Não duvido em absoluto que se trata de uma imagem, mas é uma imagem na qual estamos incluídos (JUNG, 1928, p.131-132).

Partindo da limitação e complexidade que envolve a pesquisa ou qualquer busca pela compressão nesse sentido, Jung discute acerca de outras abordagens que se propuseram contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, entretanto, mostraram limitações, sendo elas, o cristianismo e a alquimia, cada uma tendo grande influência social em suas respectivas épocas de ascensão.

Considerando que a busca por tornar-se Si-mesmo, é algo inerente a natureza humana, logo uma necessidade que sempre esteve presente em todos os indivíduos, Jung menciona que o Cristianismo possui sua parcela de contribuição, entretanto, esta abordagem se mostra limitada, não abrangendo a totalidade exigida pela definição psicológica, pois a figura de Cristo, não compõe uma totalidade, por faltar-lhe a este o lado noturno da natureza psíquica, a escuridão do espírito e do pecado. Falta a integração do mal para se ter uma totalidade. Ou seja, o autor se refere a sombra, mais especificamente àqueles conteúdos tido como negativos ou maus pela sociedade, então são relegados a esta. Logo, para um desenvolvimento completo do indivíduo se faz necessário a aceitação e compreensão desses conteúdos, que no cristianismo são negados e projetados para o exterior, desse modo surge o diabo, que nesse quesito, é a oposição dos contrários, a desobediência, em termos psicológico seria ele a parte “mau” do homem (em termos cristãos), projetadas para o exterior e localizadas em uma imagem mítica. Desse modo perde-se também a autonomia da existência individual. O que é íntimo do indivíduo, de sua sombra torna-se parte de um exterior, o diabo ou o mal, assim sendo impossível ser abordado o que é singular de cada sujeito (JUNG, 1942a).

Por outro lado, o autor ainda discorre que a partir do cristianismo “O homem só se percebe a si próprio como ego, e o Si-mesmo como totalidade, não se distinguindo de uma imagem de Deus, a autorrealização é a encarnação divina” (JUNG 1942a, p. 62). Deus é bom, o maligno não existe nele, o

diabo é a figura incômoda e desagradável. Em outras palavras nessa abordagem além da projeção da sombra que deu origem e sustenta a imagem do diabo, há também a projeção do Si-mesmo, também para o exterior e uma figura mítica, do Deus. Desse modo o indivíduo não recebe instrução nem mesmo percebe que esse Deus nada mais é que o Si-mesmo, sempre atribuindo essa meta ao encontro com a divindade exterior, se mantendo em um plano místico enquanto na verdade a meta é psicológica, instintual, esse Deus é o próprio Si-mesmo e está em cada um (JUNG, 1942a).

Para elencar ainda outra abordagem que indiretamente trouxe contribuições para o desenvolvimento do indivíduo, Jung atribui à alquimia a maior contribuição para sua própria teoria da individuação e sendo a abordagem que havia ido mais longe nesse caminho, cita o autor:

Os alquimistas com razão conceberam a união mental na superação do corpo apenas como a primeira etapa da união, ou respectivamente da individuação. Na sua totalidade os alquimistas procuraram alcançar (simbolicamente) uma “união total dos opostos” e a consideravam como indispensável para cura de todos os males. Por isso não só postulavam, mas, de fato, procuravam encontrar os meios e o caminho para preparar aquele ser que une em si todos os opostos. Ele devia ser espiritual e material, vivo e não vivo, masculino e feminino, velho e jovem, e (como se supõe) moralmente neutro. Ele deveria ser criado pelo homem, mas simultaneamente como um não criado devia ser a própria divindade (“deus terrestres” / deus terrestre) (JUNG, 1956, p.281).

Jung aponta que os antigos alquimistas atribuíam o segredo da alma à matéria, e a esse respeito recorre a dois grandes pensadores alemães, Goethe e Nietzsche que também atingiram grandes avanços no campo do desenvolvimento da personalidade, o primeiro através da arte (literatura) e o segundo através da filosofia, para advertir que nem Fausto (obra de Goethe) nem Zarathustra (obra de Nietzsche) nos animam a recorrermos à matéria para buscar compreender a natureza psíquica, pelos alquimistas tratada como “alma” (JUNG, 1944).

Com isso, só podemos negar a consciência a pretensão arrogante de ser uma totalidade, pois a natureza humana, para os alquimistas a alma é uma realidade impossível de ser abarcada com os atuais

recursos do conhecimento. O homem que admite sua ignorância não pode ser considerado como obscurantista, pois obscurantista é muito mais aquele cuja consciência não evoluiu suficiente para reconhecer a sua ignorância. A expectativa do alquimista de produzir o ouro filosofal a partir da matéria é uma ilusão causada pela projeção e corresponde a fatos psíquicos da maior importância para a Psicologia do Inconsciente. No entanto, ele projeta o processo de individuação nos processos de transformação química. Individuação não é um termo que significa fatos inteiramente conhecidos e esclarecidos, é o que indica um domínio obscuro de pesquisa ainda em processo de aperfeiçoamento dos processos psíquicos através dos quais a personalidade em formação atinge seu centro no inconsciente, o Si-mesmo. Processos esses que são considerados misteriosos porque propõe enigmas à compreensão humana; sua solução exigirá ainda um demorado e talvez inútil esforço de sua parte (JUNG, 1944). A partir dessa relação entre o ego e o Si-mesmo, Jung fala posteriormente da relação existente entre consciência, inconsciente e a individuação, momento no qual deixa claro que a individuação é um processo contínuo que a princípio ocorre inconscientemente, logo um processo analítico deve conduzir o indivíduo à confrontação necessária com o inconsciente que levaria finalmente a união mental, afirmando, “O que se faz agora é o começo da individuação consciente, que tem por meta a experiência e a criação do símbolo da totalidade” (JUNG, 1956, p. 353).

Salientamos ainda que o autor considera como analítico todo processo que venha a se confrontar com a existência do inconsciente (JUNG, 1934). Ao mencionar que a individuação ocorre a princípio ao nível inconsciente o autor pretende esclarecer se tratar de um processo natural na vida do indivíduo, tendo a tendência de se tornar o que sempre foi dotado de consciência. Entretanto muitas vezes pode vir a se desviar da base arquetípica instintual, opondo-se a ela, ou seja, uma psicoterapia analítica iria contribuir para esse processo inconsciente e torna-lo consciente ao avançar do percurso da análise, assim como também pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo quando este se afastar da meta. Afastamento esse que pode se dar a partir de exigências externas que levem o indivíduo a projetar uma persona esperada, assim se afastando de si mesmo. Com isso surge uma necessidade de sintetizar duas posições, a consciência com suas pretensões e racionalidade e os impulsos inconscientes que também precisam ser

aceitos, conhecidos e tragos ao menos parcialmente à consciência, assim ocorrendo a síntese. Para isso, é necessária uma psicoterapia em nível primitivo, que lide com a consciência, mas também com os conteúdos inconscientes, instintivos, que resulte em reparação e uma consciência, a mais ampla possível, dos conteúdos inconscientes constelados e conscientes (JUNG, 1934).

Ainda sobre o inconsciente, considerado por Jung como a mãe da consciência, ele afirma que a consciência nunca pode negar sua mãe, pois isso seria antinatural, pois a mesma é originada de uma psique inconsciente, que funciona independente dela. Com isso o autor esclarece que a princípio na infância tudo é inconsciente e só depois surge a consciência, logo a consciência tem muito o que aprender ainda com a mãe (o inconsciente), pois ao emergir na superfície não pode, nem jamais poderia trazer tudo o que há na parcela mais profunda e inconsciente da personalidade. Desse modo, existe uma colaboração do inconsciente com o consciente, que ocorre sem atritos e perturbações, onde a existência do inconsciente não é percebida, porém, se o indivíduo se desvia demais do fundamento instintivo, experienciará as forças do inconsciente ao passo que os conteúdos renegados são impulsionados para o exterior. Essa colaboração mútua se faz necessária porque ambos, consciência e inconsciente, não constituem uma totalidade quando um é reprimido e prejudicado pelo outro, se há um embate, deve haver honestidade de ambas as partes. Isso é, o processo de individuação é o resultado de um percurso que é produzido pelo conflito existente entre duas realidades anímicas fundamentais. O resultado dessa união são novas situações ou estados de consciência ampliados (JUNG, 1934).

Nesse momento se faz essencial mencionar que Jung orienta ser necessário conhecer os símbolos, pois é através destes que se dá a união dos conteúdos conscientes e inconscientes, sendo igualmente os símbolos que fornecem uma constatação pautável ao terapeuta e/ou pesquisador, seja através de desenhos realizados pelo paciente ou mesmo através de símbolos da totalidade que surgem em sonhos. “A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção a totalidade” (JUNG, 1934, p. 289).

Quando se refere aos símbolos, em especial ao símbolo da totalidade, o autor se refere as mandalas, símbolos circulares, que não possuem nem início nem fim, as quais foram identificadas na Psicologia

Analítica como sendo a representação arquetípica da totalidade psíquica. Estas imagens que representam as forças arquetípicas, deveriam, como fenômenos coletivos, ocorrer teoricamente em todos os indivíduos de um modo nítido. Porém, só se encontram em casos relativamente raros, mas mesmo assim desempenham papel de polos secretos em torno dos quais tudo gira. Ou seja, por se tratar do surgimento incomum e geralmente presente naqueles pacientes cujo o processo analítico já se encontrava bastante avançado, com isso o autor constatou ser esse símbolo representante da totalidade psíquica. Com isso percebeu ainda que a vida só encontra o seu sentido maior quando o indivíduo avança em seu processo de individuação a ponto de atingir essa totalidade psíquica. Pois cada vida tem como meta a realização de uma totalidade, de um Si-mesmo, ou processo de individuação, pois está ligada a portadores e realizadores individuais, sendo inconcebível sem eles (JUNG, 1944).

A integração (ou processo de tornar-se homem) é preparado pelo lado da consciência, como já indicamos, ou pela tomada de consciência das pretensões egoísticas. O indivíduo percebe os seus motivos e procura formar uma ideia objetiva e mais completa possível de sua própria natureza. Trata-se de um ato de reflexão sobre si-mesmo, da concentração daquilo que se acha disperso e cujas partes nunca foram colocadas adequadamente numa relação de reciprocidade, de um confronto consigo mesmo, visando à plena conscientização. (Por isso um autossacrifício inconsciente é um mero acontecimento e nunca um ato moral)". Mas a reflexão sobre si mesmo é o que há de mais difícil e de mais desagradável para o homem predominantemente inconsciente. A própria natureza humana tem uma aversão pronunciada pela conscientização. Mas aquilo que leva o homem a essa atitude é justamente o si-mesmo, que exige o sacrifício sacrificando-se de certo modo a nós mesmos. O processo de conscientização, enquanto reunião das partes dispersas, constitui, por um lado, uma operação consciente e voluntária do eu, e, por outro lado, significa também um aflorar espontâneo do si-mesmo que já existia. A individuação aparece como síntese de uma nova unidade que se compõe de partes anteriormente dispersas, e também como a manifestação de algo que

preexistia ao eu e é inclusive seu pai criador, e sua totalidade. Com a conscientização dos conteúdos inconscientes, nós, de certo modo criamos o si-mesmo, e nesse sentido ele é também nosso filho (JUNG, 1942b, p.81).

Jung (1942b) aborda que a reflexão do indivíduo sobre si-mesmo, ou o impulso para individuação, recolhe o múltiplo e o disperso, erguendo-os até a forma primigênia do uno, do homem primordial. Eliminando com isso a existência isolada, pois o indivíduo não se fecha mais em torno do seu eu, fazendo com que amplie o círculo da consciência, reduzindo os conflitos.

A PROJEÇÃO COMO BARREIRA À INDIVIDUAÇÃO

A projeção é definida pelo dicionário de psiquiatria como o ato em que um sujeito atribui a terceiros ideias ou impulsos que lhes são próprios (CAMPBELL, 1986). Em psicanálise, de acordo com Roudinesco e Plon (1998) a projeção foi utilizada por Freud inicialmente como um mecanismo patológico pertencente a paranoia, sendo posteriormente considerado um mecanismo de defesa primário, comum em todos os indivíduos, o qual levava o sujeito a espelhar em outra pessoa ou objeto seus próprios desejos, cuja origem é desconhecida pelo mesmo. Laplanche e Pontalis (2001) definem que o termo em psicanálise se refere ao ato do indivíduo expulsar qualidades, desejos e sentimentos próprios que recusa em si, assim os localizando no outro. Os autores destacam que posteriormente Freud passou a utilizar o termo como sendo normal e não patológico, ocorrendo por exemplo com frequência nas superstições.

Já na psicologia junguiana a projeção é essencialmente uma tendência natural é inerente ao humano, desse modo não se tratando de um fator patológico. O fenômeno se manifesta de modo involuntário e sem influência da consciência, logo a pessoa não é capaz de impedir e nem mesmo saber a princípio que está acontecendo. A manifestação ocorre quando conteúdos inconscientes de um sujeito ou grupo se mostra a ele de maneira que pareça pertencer a outro indivíduo, objeto ou grupo. O que acontece em decorrência da negação dos próprios conteúdos inconscientes, que não sendo aceitos então são depositados sobre o outro. Conteúdos dos complexos possuem autonomia em relação ao ego, e este último tende a negar o que não

está sobre seu domínio, fazendo parecer que não pertencem ao indivíduo. Desse modo como esses conteúdos inconscientes não podem ser integrados diretamente a consciência se manifestam a princípio por meio da projeção. Ou seja, a projeção ocorre no momento que a consciência não se dá conta que está sob influência do inconsciente (GAMBINI, 1988).

Resta a dúvida, qual o motivo que leva alguns objetos a serem alvos de uma projeção específica enquanto o mesmo não acontece com outros? O que se esclarece pela necessidade da existência de algo em comum entre o conteúdo inconsciente projetado e o alvo dessa, o objeto. Tal similaridade serve como um elo entre ambos, sendo o objeto um gancho. Gambini ainda elucida o processo da projeção através dos quatro estádios que seguem:

1) o mundo externo e interno são vistos como iguais, o inconsciente está fortemente identificado como o que é de fora do sujeito, fenômeno chamado de “participação mística”; 2) o sujeito percebe uma disparidade entre a projeção e como o objeto realmente se comporta, e então substitui o modelo que tinha por outro mais “fiel” 3) a projeção passa a ser vista como erro, como uma ilusão; há, portanto, um julgamento moral sobre a projeção 4) homem se torna consciente do processo da projeção, o aceita como algo natural, há um “reconhecimento da realidade da psique” (GAMBINI, 1988, p. 55).

Zweig e Abrams (1991), chamam a atenção para a abrangência das projeções da sombra na sociedade. Sendo seus reflexos notados através de notícias de jornais, nas quais pessoas e grupos específicos sofrem violências diversas ao servirem de bode expiatório. Pois quando práticas socialmente reprováveis são assumidas por um grupo, este se torna alvo de projeções coletivas, que assumem formas de preconceitos como o racismo e a homofobia.

Uma das formas mais notáveis da projeção são as reações violentas, entre as quais se inclui homofobia. Para entendermos a homofobia como um reflexo da projeção ou medo frente a ela, devemos entender que entre as definições da homofobia há aquela partindo do termo, na qual “homo” significa homem e “fobia” medo. Ou seja, medo do semelhante, ainda em termos de projeção, medo de si mesmo, entretanto visto no outro, pois o indivíduo nega possuir tais características logo as projeta. Dada a projeção das próprias características,

o sujeito tende a ser agressivo, no fundo não com o outro, mas contra suas próprias características rejeitadas. Quanto maior for a negação de parcelas de si mesmo, igualmente será a intensidade da agressividade (BARON; SERBENA, 2015).

Os mesmos autores, são objetivos ao dizerem que partindo dessa definição, a homofobia se trataria de um medo sentido pelo hétero, que emana de si mesmo um desejo por outros homens que está reprimido e o sujeito é tocado ao ver essa parcela de si no outro ou em um grupo.

Corroborando essa ideia, Samuels (2003) cunhou o conceito de *Mundus imaginalis*, sendo este um nível localizado entre as primeiras percepções dos sentidos e da cognição acerca dos conteúdos inconscientes. Não sendo possível acessar os arquétipos em si, haverá essa experiência na qual imagens inconscientes pressionam a consciência para virem à tona. No nosso caso da homofobia a alma gritando por ganhar expressão, pode se tornar projeção ao não ser aceita ou suportada. Entretanto o autor fala desse *Mundus imaginalis*, dentro de uma análise, logo, sem essa ou outro suporte o indivíduo está mais suscetível a projetar sua alma.

Posto isso, fica clara a necessidade de integração da alma pelo homem para o desenvolvimento de sua personalidade. Walker (1994), defende que ao integrar esse arquétipo, a alma pelo homem e para a mulher o animus, surge um equilíbrio entre esses aspectos inconsciente, que inicialmente são percebidos pela consciência como ambivalentes. Desse modo além dos reflexos negativos externos da projeção, há também uma estagnação do desenvolvimento interno, ou seja, ao projetar o indivíduo se afasta do caminho da individuação.

Há ocorrências em que a projeção ainda pode se manifestar no homem a partir do próprio animus. Sanford (2002) especifica não ser incomum homens heterossexuais, casados, eventualmente terem o desejo por um contato com o órgão masculino, o que seria recorrente com intervalos de tempo. Entretanto não se tratando de homossexualidade, mas de uma tentativa projetiva de religar-se com o Si-mesmo através do falo como simbólico. Essa projeção seria oriunda do sentimento de medo frente a uma excessiva exposição à mulher interior. O que segundo o autor ocorre por vínculos disfuncionais com os pais, como falta de amor paterno e ausência materna ou vínculo possessivo por partes dela.

A projeção da alma ou animus pode levar a conflitos que se apresentem ao indivíduo como

irresolúveis. Ao discutir sobre pacientes que sentiam estarem frente há conflitos dessa magnitude, Jung e Wilhelm (1971) pontuam que através da integração do arquétipo anima/animus, há uma ampliação da consciência através da qual se mostrou ser possível superar tais embates sentidos como insolúveis a princípio. O autor ainda esclarece que essa mudança não ocorre por nenhuma lógica racional, mas motivado por uma tendência vital da psique que determinados conteúdos venham à tona e sejam considerados, aceitos e trabalhados pela consciência.

Prosseguindo as ideias de Jung supracitadas, elucidemos com um caso que se apresentou em psicoterapia a Storr (1973): um homem de meia idade com altos padrões éticos, em um casamento estabilizado, de repente se vê perdidamente apaixonado por uma jovem, sente isso como a mais intensa emoção de sua vida. Logo encontra-se perante um dilema aparentemente indissolúvel, pois ficar com ela seria romper com seus padrões ético/moral; optar pela família o faria sentir como se violasse a si mesmo e ainda recairia em inevitável depressão onde culparia e iria agredir a família por isso. Em casos como este, a impossibilidade de uma resolução equilibrada de tamanho conflito é o que resta há muitos, pois de acordo com Motta e Paula (2005, p. 22) “geralmente, é resolvido pela permanência no lar, mantendo-se o homem infeliz, ou pela saída deste, mantendo-o em estado de culpa, isto é, igualmente infeliz”.

Nesse caso cabe lembrar que para Jung e Wilhelm (1971), se o homem tomar consciência que tais desejos são oriundos do inconsciente e tem como meta impulsioná-lo para a individuação, este estará habilitado a desvencilhar-se dos dois conjuntos de emoções e encontrar uma nova saída através da ampliação da consciência. Silveira (1997, p. 41) ainda nos indica que, “desde que os conteúdos do inconsciente sejam confrontados e integrados, dissolvem-se estagnações, removem-se bloqueios e a libido volta a fluir [...]”. Dessa maneira os processos vitais seguem sua progressão natural.

Desse modo o homem necessita tomar consciência de sua projeção, a diferenciando da mulher real e assim compreender que a natureza dessa paixão desmedida reside em seu próprio inconsciente. E então reconhecerá os conteúdos de sua própria anima que espelhou na jovem. Deixando de ter como resposta ao impulso inconsciente o fascínio por uma mulher real, passará a dialogar com sua própria mulher interior, um diálogo arquétipo

que reabrirá os caminhos da individuação antes bloqueados pela projeção (MOTTA; PAULA, 2005).

Apesar das projeções partindo do indivíduo serem fortes barreiras ao desenvolvimento do mesmo e ainda causarem conflitos e transtornos sociais das mais complexas ordens, como as diversas formas de violências, há entretendo uma tendência na dinâmica das organizações contemporâneas de hipervalorizarão da racionalidade que acaba por manter e impulsionar o indivíduo para um caminho contrário ao conhecimento de si, como os afetos espelhados no mundo externo. E o processo de individuação assim como descrito por Jung exige um redirecionamento das energias voltados ao exterior, que objetivam a sustentação de uma persona de eficácia, voltando essa energia para si, para o interior e com isso atingindo características não de poder, a força, a posse de bens e o desempenho racional, mas a sabedoria e uma redução dos conflitos internos.

De acordo com Motta e Paula (2005), a dinâmica das organizações comerciais de nosso tempo segue um caminho oposto ao da individuação. A qual estimula a competição, ambições e desejos voltado ao mundo externo. Dizem os autores “Mesmo que já tenham alcançado a maturidade profissional, os indivíduos continuam a sofrer pressões pelo desempenho excelente” (MOTTA; PAULA, 2005, p. 26) O que ainda é exacerbado pela contratação de colaboradores mais jovens, numa tentativa desmedida de estimular a produtividade. Enquanto o desenvolvimento pessoal exige um retorno a si para que haja antes o autoconhecimento. Desse modo o filme “Um senhor estagiário” da diretora Nancy Meyers elucida com excelência os diversos aspectos dessa ambivalência entre as necessidades vitais da psique e as exigências das organizações contemporâneas.

O filme narra a história de Bem Whittaker de 70 anos que é viúvo e está insatisfeito com a vida monótona de aposentado. “Acho que ainda tenho muito a oferecer”, diz ele ao se inscrever em um programa de estagiário Sênior, momento em que volta à ativa, ingressando na loja virtual de moda, fundada e dirigida pela jovem Jules Ostin, com quem desenvolve uma grande amizade. Contudo, ao tentar se enturmar e desenvolver suas funções ao seu ritmo e com a cautela de quem trabalhou toda a vida em uma única empresa, Ben se depara com um verdadeiro choque de geração, onde se espera que ele faça rápidas consultas ao computador, gozam a princípio de sua pasta e até de sua organização.

O personagem percebe como contraditório que toda a sua experiência profissional de uma vida

não seja valorizada ali, onde tudo precisa ser rápido, inclusive as tomadas de decisões, onde não há tempo para ponderação. O que se explica pela definição do funcionário ideal, que de acordo com Paula e Wood (2002) é ousado, não se satisfaz com o que tem, buscando sempre ultrapassar seu próprio desempenho, entretanto especialmente os dos demais. E o personagem Ben mostrava já ter superado essas projeções das necessidades do ego e, desse modo entra em contato com uma realidade e seus conflitos inerentes as quais já superou.

Portanto, não é incomum que um indivíduo de meia idade, no caso de Ben já na terceira idade, se depare com grandes ambivalências frente as exigências da organização na qual está inserido (MOTTA; PAULA, 2005). No entanto, ao passar do tempo os colegas de Ben começam a admirá-lo por certas características, o gozo de seus aspectos digamos ultrapassados, nesse meio, se torna fascínio. Bem conquista inclusive a confiança da chefe, Jules Ostin, através de sua organização, ao limpar e organizar uma mesa caótica da empresa, onde sua desordem perturbava o funcionamento e Jules em especial, contudo, nenhum colaborador em meio a velocidade com que desempenhavam suas funções se deu tempo para organizá-la. Logo Jules e os colegas de Ben passaram a recorrer a ele para tomar decisões importantes da empresa, devido ao mesmo possuir uma visão mais ampla das coisas e ser capaz de tomar decisões prudentes.

Contraste esse entre os jovens colegas e Ben que se esclarece quando Motta e Paula (2005), afirmam que a persona, ou seja, o funcionário ideal, busca a afirmação de seu ego, o que limita um contato mais profundo com o Si-mesmo. No caso de Ben, este se mostra mais distante da busca pela sustentação da persona, logo, mais próximo do Si-mesmo, o que lhe proporciona uma visão mais ampla das situações e demandas da empresa e da vida. Uma vez que ao abandonar os investimentos na persona o indivíduo desbloqueia o caminho rumo ao Si-mesmo, retirando suas projeções do mundo externo e passando a uma psique mais equilibrada. Sendo este, o personagem de Bem, procurado pelos jovens colegas não só para auxílios relativos ao trabalho, mas passam a pedir também conselhos para a vida pessoal, como, amorosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instigante desafio de compreender a natureza humana, sua constituição, motivações ou metas foram sempre motivos de fascínio para

diversos pensadores. Na filosofia o sentido da vida e a origem da constituição humana tem sido tema central de diversos teóricos por toda a história do pensamento. Em consonância constitui tema análogo e complementar o desenvolvimento do ser humano, evolução espiritual ou em termos mais científicos o desenvolvimento da personalidade. Esse segundo desafio constitui antes de mais nada uma necessidade essencialmente humana, encontrando em diferentes épocas e culturas respostas nas mitologias, religiões correntes filosóficas, com o advento da ciência a psicologia assumi o desafio de tentar dar respostas as lacunas de outrora. Em meio a diversas tentativas de se explicar, repostas muito distintas surgiram, entretanto, muitas repostas similares podem ser reunidas nas mais diversas épocas e culturas.

Na história do pensamento ocidental considero Jung sendo um dos mais notáveis pensadores que ousaram desvendar o humano e ainda propôs uma possibilidade clínica para evolução dos indivíduos. O Psicólogo e psiquiatra Carl Gustav Jung, não se encaixava na ciência de sua época, por sua teoria partir de suas próprias experiências pessoais, extrapolando o espírito científico que se pautava inteiramente na razão. Desse modo, este pensador questionou a legitimidade do dogma da razão em que se pautava a ciência de sua época por acreditar que a ciência precisaria evoluir questionando a legitimidade da razão para então poder compreender o que estava para além da consciência, a essência humana.

Jung desenvolveu uma teoria complexa e muito abrangente com diversos conceitos, como, sombra, arquétipos e o próprio inconsciente coletivo que fora sua grande descoberta, porém, foi percebendo ao longo do desenvolvimento de sua teoria que tudo isso, as motivações humanas, a defesa do ego como as projeções possuíam ou eram movidas por uma meta vital inerente a psique, seria essa a individuação; termo que na psicologia analítica é sinônimo do autodesenvolvimento do sujeito.

Jung não se propõe tratar de uma problemática nova, muito pelo contrário, e nem mesmo afirma serem seus achados muito distintos daqueles encontrados por outras abordagens, embora o autor as considere incompletas ou limitadas pela projeção, sendo elas o cristianismo e a alquimia, como já discutido nesse trabalho. Ainda assim, a abordagem do pesquisador é notavelmente inovadora, ao partir da noção que ao contrário do que se pensava, os indivíduos não eram indivíduos

de fato, mas possuíam parcelas da personalidade com certa autonomia em relação ao eu, havendo inclusive divergências entre o ego e essas parcelas, o que seria a fonte dos conflitos humanos. Desse modo Jung percebe que para um desenvolvimento da personalidade seria necessário a integração dessas parcelas através de um penoso processo de autoconhecimento, aceitação dessas porções renegadas, dos complexos afetivos e ainda dos arquétipos/hereditários que nunca estiveram na consciência. Processo esse que intitulou "Individuação".

A individuação é uma tendência natural da psique, pois corresponde aos impulsos do inconsciente coletivo que gritam para tomarem expressão na consciência, contudo, Jung adverte que esses impulsos vão se tornando mais fortes com o avanço da idade. O autor ainda esclarece que a individuação não é um ponto de chegada, mas um caminho no qual alguns vão mais longe e maioria não atinge grandes avanços, permanecendo esses últimos mais ajustados ao mundo externo e como consequência continuam com grandes conflitos pessoais.

Para aqueles que ousam assumir conscientemente seu processo de individuação e mergulhar fundo nessa busca, Jung adverte sobre os riscos de uma imersão no inconsciente coletivo levar o ego a sucumbir ao mesmo, destacando a relevância de o indivíduo possuir uma experiência bem alicerçada no mundo exterior, ele próprio relata ter sido sua mais penosa experiência e ter nesses momentos se apegado à família, as atividades externas para dar conta de ir e voltar do inconsciente sem que seu Ego fosse engolido.

O ego sente como se fosse o centro da psique total quando na verdade é apenas uma parcela, a parte estruturada que emergiu do inconsciente na infância e serve de elo entre os mundos exterior e interior. Posto isso, o ego tende a sentir os conteúdos inconscientes como ameaça que podem desestruturá-lo, logo, possui a tendência de defender-se negando conteúdos e impulsos que desconheça. Prontamente, está aí a fonte central das dificuldades postas ao autoconhecimento e consequentemente à individuação.

Para que a consciência do indivíduo permita esse processo, a racionalidade possui papel crucial, mas não é suficiente sozinha, ela terá justamente que abaixar as cortinas da razão e permitir que a sensibilidade afetiva possa fazer a sua parte ao entrar em contato com esses conteúdos desconhecidos, ao passo que após a tomada de

consciência a razão poderá começar a aceitar e organizar esses conteúdos conscientemente, assim a integração estará em curso, e o ego sentirá que não está oposto, nem abaixo do inconsciente, mas se ligará ao Self em uma totalidade, onde não será mais o dono da casa, entretanto parte de algo maior.

Ainda sobre a projeção como defesa do ego, a destaque nesse trabalho como sendo a maior barreira à individuação, porque trata-se de um fenômeno inerente da natureza humana, desse modo não patológico. Ao sentir conteúdos que desconhece e não compreende o ego projeta essas características no mundo exterior, pessoas, grupo e objetos. Desse modo enquanto o indivíduo projetar, não assumirá seus conteúdos e o árduo trabalho de lidar com esses. O caminho para se assumir tais conteúdos desfazendo assim as projeções, trata-se de uma abertura ao inconsciente que não é racional, mas se manifesta através dos afetos, como, por meio dos complexos e arquétipos; de modo geral é preciso antes sentir esses conteúdos que não podem ser abordados diretamente pela racionalidade.

Partindo disso nos deparamos com problemas próprios de nossas organizações contemporâneas. A supervalorização da racionalidade, a exigência que os indivíduos sejam cada vez mais produtivos, os afastam do caminho da individuação. Cria-se assim, barreiras mais espezas e uma dinâmica propicia as projeções, na qual a velocidade com que se realiza as atividades, quando surgem adversidades de origem internas o sujeito logo sente ser mais fácil projetá-las, já que o indivíduo precisa ser veloz e jamais admitir e dar espaço para suas dificuldades pessoais e desse modo a tarefa de retirada da projeção se torna mais difícil de ser realizada.

Todavia não podemos deixar de observar que as exigências de nosso tempo vão de encontro as projeções, a persona de eficácia, a todas essas qualidades exteriores, desse modo, o caminho da individuação colocaria o indivíduo claramente em conflito com todas essas expectativas culturais, conflitos que supomos poder ser superados após um avanço significativo no autodesenvolvimento, como no caso de Ben que se tornou uma referência para os colegas, ainda assim, não podemos afirmar essa recompensa voltado ao exterior.

Partindo disso, podemos pontuar que um indivíduo que escolha assumir e se aprofundar em seu processo de individuação necessitará estar muito seguro disso, considerando a divergência com o mundo exterior e se faz crucial dispor de um auxílio como uma psicoterapia analítica, como já pontuado. Ainda assim fica a cargo de cada indivíduo decidir se

esse caminho realmente é compensatório para si, levando em conta as dificuldades do processo e desvalorização desse pela cultura.

REFERÊNCIAS

- ARCURI, Irene Pereira Gaeta. Psicoterapia junguiana, calatonia e arte. **Psicologia Revista**, ISSN 1413-4063, v. 18, n. 1, 2009.
- BARON, Vicente Mussi; SERBENA, Carlos. A PROJEÇÃO DA SOMBRA NA HOMOFÓBIA. In: **Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR**, VII, 2015, Buenos Aires. Anais. Buenos Aires: Facultad de Psicología - Universidad.
- BYINGTON, Carlos. O conceito de self terapêutico e a interação da transferência defensiva e da transferência criativa no quaternio transferencial. **Revista Junguiana**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 5-18, 1985.
- CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de psiquiatria**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e Crescimento Pessoal**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- FIALHO, Francisco; SILVEIRA, Ermelinda Ganem Fernandes. Terapia profunda e atratores de segunda ordem. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 113-129, 2009.
- FRANZ, Marie Louise Von. O processo de Individuação. In: JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**, 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 1959.
- FORDHAM, Frieda. **An introduction to Jung's psychology**. 1. ed. Waterfoot: Revival Books, 1968.
- FURTADO, Sílsen. "Decifra-me ou devoro-te" O enigma da alma para a psique masculina. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. **Jung e o cinema**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2013.
- GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio – Os jesuítas e a destruição da alma indígena**. 1. ed. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HALL, S. Calvin; LINDZEY, Garden; CAMPBELL, B. Jhon. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **AION Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. 2. ed. Rio de Janeiro: VOZES, 1986.
- _____. **A Natureza da Psique**. 1.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- _____. **Análise de Sonhos**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1928-1930
- _____. **Interpretação psicológica do Dogma da Trindade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1942a.
- _____. **Mysterium Coniunctionis**. v. 1. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1956.
- _____. **O eu e o inconsciente**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1928.
- _____. **O símbolo da transformação na missa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1942b.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1934.
- _____. **Psicologia e Alquimia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1944.
- _____. **O Homem e Seus Símbolos**, 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 1959.
- _____. **Psicologia e religião oriental**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1938.
- _____. **The red Book**. 1. ed. W. W. Norton & Company: New York, 2009. JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1921.
- JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O Segredo da Flor de Ouro**. Um livro da vida chinês. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- JUNG, Emma. **Animus e Anima**. Tradução Dante Pignatari. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LUPO, Luca. "Also spricht meine Seele". O Zaratustra de Nietzsche no Livro vermelho de Jung: a verdade como vida entre experiência e experimento. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 83-122, 2016.
- LYRA, Sonia Regina. **Jung leitor de Nietzsche: Acerca da "morte de Deus"**. 1. ed. Curitiba: Ichthys, 2012.
- MOTTA, Fernando C. Prestes; PAULA, Ana Paula Paes. Meia-idade, individuação e organizações. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 12, n. 34, p. 17-30, 2005.
- PAULA, Ana Paula Paes; WOOD Jr, T. Pop-management. **Revista Ciência Empresarial** Salvador, v. 2, n. 1, p. 17-34, 2002.
- REZENDE, Martha Carneiro. "A arte pictórica como espelho do animus. Frida Kahlo." In: MONTEIRO,

Dulcinéia da Mata Ribeiro. **Jung e o cinema**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMUELS, Andrew. Countertransference, the imaginal world, and the politics of the sublime. [S.I.], **The Jung Page**, 2003.

SILVEIRA, Nise. **Jung – Vida & Obra**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

STEIN, Murray. **Jung, o Mapa da Alma** (Cabral, A.S., Trad.). São Paulo: Cultrix, 2004.

STORR, Anthony. **As idéias de Jung**. 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 1973. SANFORD, John A. **Os Parceiros Invisíveis**. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

WALKER, Mitchell. **O Duplo: O auxiliar interno de mesmo sexo**. In: DOWNING, Christine. **Espelhos do self**. São Paulo: Cultrix, 1994.

ZWEIG, Cnnie; ABRAMS, Jeremiah. **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

How to cite (ABNT)

Rocha, Cleber Almeida da. Jung's Individualization Process: Projection as a Barrier to Self-Development. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 1, n. 2, p. 89-100, jul.- dez., 2018.